

## McKenzie Wark | Theory in a Pandemic

(2020-04-03)

McKenzie Wark (she/her) is the author, most recently, of *Capital is Dead* (Verso, 2019) and *Reverse Cowgirl* (Semiotext(e), 2020), and teaches at The New School in New York City.

The New School  
warkk@newschool.edu

I hesitate to write anything directly about the COVID-19 pandemic. Certain pronouncements by theorists whose work I have read have not gone over well. They mostly seem to take the form of attempts to demonstrate why the pandemic proves them right. It seems foolish to make such claims. And not foolish in the good way. I wash my hands of them.

So what is a theorist to do? One can look at precedents. A precedent that is ready to hand is the AIDS pandemic. Sure, it is a very different pandemic, but there are still things to learn. One is that the critical response had an urgency to it, but that good work took some time. It took a while to identify the situations in which theory could articulate what was at stake and where its interventions might matter.

Another is that good theory does not try to be sovereign over other kinds of knowledge. In that case, theory could have an interstitial role, showing the gaps and tensions between languages: of medicine, of the state, of the pharmaceutical industry, of activist groups, of gay culture, of homophobic culture, and so on. Theory as a kind of practice had to find its place among other practices.

There is a limit, however, in approaching the place of theory in the world of COVID-19 on the basis of previous events that it might resemble. Perhaps what is most significant about an event is that if it is an event, what is eventful about it is that it does not resemble other events much at all. Engaging with it on the basis of precedent

## McKenzie Wark | Teoria em uma pandemia<sup>1</sup>

(2020-07-27)

McKenzie Wark (ela/dela) é a autora, mais recentemente, de *Capital is Dead* (Verso, 2019) e *Reverse Cowgirl* (Semiotext(e), 2020), e leciona na The New School em Nova York.

The New School  
warkk@newschool.edu

Hesito em escrever algo diretamente sobre a pandemia da COVID-19. Alguns comentários de teóricos cujos trabalhos li não foram bem recebidos. A maioria parece tomar a forma de tentativas para demonstrar por que a pandemia valida suas visões. Parece uma tolice fazer tais afirmações. E não digo tolice no bom sentido. Lavo minhas mãos a respeito delas.

Então, o que uma teórica ou um teórico deve fazer? Pode olhar os precedentes. Um precedente que está à mão é a pandemia da aids. Claro, é uma pandemia muito diferente, mas ainda há coisas a aprender com ela. Uma delas é que a resposta crítica pedia urgência, mas o trabalho propriamente dito levou algum tempo. Demorou um pouco para identificar as situações em que a teoria poderia articular o que estava em jogo e onde suas intervenções poderiam importar.

Outra coisa é que a boa teoria não tenta ser soberana sobre outros tipos de conhecimento. Nesse caso, a teoria poderia ter um papel intersticial, mostrando as lacunas e tensões entre as linguagens: da medicina, do Estado, da indústria farmacêutica, dos grupos ativistas, da cultura gay, da cultura homofóbica e assim por diante. A teoria como um tipo de prática tinha que encontrar seu lugar entre outras práticas.

Há um limite, no entanto, para se tratar do lugar da teoria no mundo da COVID-19 com base em eventos anteriores que possam lhe ser

<sup>1</sup> Published in: *Revista Rosa*, Issue 1, No. 3 (July 27, 2020). <http://revistarosa.com/1/teoria-em-uma-pandemia>, trans. from the English by Nicolas Llano.

finds the ways in which it is like a past event, but might miss what is novel about it.

This need not leave us with no resources, however. It just means that the knowledge that theory brings to bear might be of a particular kind. The event might be unprecedented, but we have the precedent of other unprecedented events. We have the precedents of others who found ways to respond, that drew on the capacities of concept-creation to equip us with tools of thought that are better than throwing up our hands in resignation or terror.

Theory does not create concepts on its own. Theory is a practice in language that seems to work best when it works alongside other practices that do other things. Again, the theory of the AIDS pandemic is actually a good parallel here. The best theorists did not give up theory to become activists. Frankly, not many theorists are all that good at organizing. Let us not kid ourselves about our talents. But the best, meaning most useful, theory was written by those who participated, often in modest roles, in the collective work of responding to the pandemic.

To do theory in the pandemic that addresses the pandemic, those are the sorts of precedents I would follow. But what about doing theory in the pandemic that does not address the pandemic itself? For surely the pandemic poses one of theory's fundamental questions to a lot of people: how are we to live?

If one is not suffering from COVID-19, one is suffering from life in this world, in this situation, in general. One might just be more exposed to that suffering now that one's various distractions and daily struggles have all been disrupted. One has to admit frankly here that it is something of a privilege to be having this confrontation with one's life. But is not theory always the product of some privilege? Rather than wring our hands about that, let us just try to use it wisely.

It may seem perverse to ask, when life seems so bad, just what the good life could be. But maybe it is exactly the time to ask. Are we to endure all this just to put the old order back on its feet again? Particularly since we know that the old order is implicated in not only the pandemic but the multiplying signs of the unsustainability of this world as currently configured.

similares. Talvez o mais significativo sobre um evento é o fato de que, se é um evento, o que há de mais significativo sobre ele é que não se assemelha em quase nada a outros eventos. Relacionar-se com ele baseando-se no precedente revela as formas pelas quais ele é igual a um evento passado, mas há o risco de se perder o que há de novo nele.

Isso não precisa nos deixar sem recursos. Apenas significa que o conhecimento exercido pela teoria pode ser de um tipo particular. O evento pode ser sem precedentes, mas temos o precedente de outros episódios inéditos. Temos os precedentes de outros que encontraram maneiras de responder partindo das capacidades de criação de conceitos para nos dotar de ferramentas de pensamento que são melhores do que dar de ombros com resignação ou terror.

A teoria não cria conceitos por si só. Ela é uma prática na linguagem que parece funcionar melhor quando ao lado de práticas que fazem outras coisas. Mais uma vez, a teoria da pandemia da aids é, na verdade, um bom paralelo aqui. Os melhores teóricos não desistiram da teoria para se tornarem ativistas. Para ser honesta, não são muitos os teóricos que são bons mobilizando. Não nos iludamos sobre nossos talentos. Mas a melhor teoria, ou seja, a mais útil, foi escrita por aqueles que participaram, muitas vezes em papéis modestos, do trabalho coletivo de resposta à pandemia.

Para fazer teoria sobre a pandemia enquanto ela acontece, esses são os tipos de precedentes que eu seguiria. Mas, que tal fazer uma teoria na pandemia que não trate da pandemia em si? Pois, com certeza a pandemia postula uma das questões fundamentais da teoria para muitas pessoas: como devemos viver?

Se você não está sofrendo de COVID-19, você está sofrendo da vida neste mundo, nesta situação, de modo geral.

Se você não está sofrendo de COVID-19, você está sofrendo da vida neste mundo, nesta situação, de modo geral. É possível que você esteja mais exposto a esse sofrimento agora, quando suas diversas distrações e lutas diárias foram interrompidas. É preciso admitir com honestidade que trata-se de um tipo de privilégio ter esse confronto com a própria vida. Mas a teoria não é sempre o produto de

Theory, to me, is a kind of meta-practice. It is the one that is curious about what practices are in general, about what they can know, what they can do, what they want. It is not a sovereign practice over the others. It works and plays between the others. Now might be the time to deploy it in two sorts of situations. One is specific to the pandemic and addresses the configurations of power, knowledge and exploitation implicated in its management and control. The other is more generally addressed to the shortcomings of everyday life that the pandemic reveals.

algum privilégio? Em vez de nos preocuparmos demasiadamente com ela, vamos apenas tentar usá-la com sabedoria.

Pode parecer perverso perguntar, quando a vida parece tão ruim, o que poderia ser a boa vida. Mas talvez tenha chegado a hora de perguntar isso. Devemos suportar tudo isso só para colocar de pé, novamente, a velha ordem? Sobretudo porque já sabemos que a velha ordem está implicada não só na pandemia, mas nos sinais multiplicadores da insustentabilidade deste mundo tal como ele hoje está configurado.

A teoria, para mim, é uma espécie de metaprática. É ela que tem curiosidade sobre o que as práticas são em geral, sobre o que podem saber, o que podem fazer, o que querem. Não se trata de uma prática soberana sobre as outras. Ela funciona e joga entre as outras. Agora talvez seja o momento de implantá-la em dois tipos de situações. Uma é específica da pandemia e aborda as configurações de poder, conhecimento e exploração implicadas no seu gerenciamento e controle. A outra costuma estar mais voltada para as deficiências cotidianas reveladas pela pandemia.

*Traduzido do inglês por Nicolas Llano*